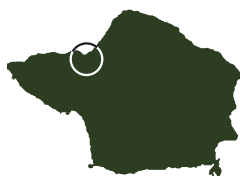


# TRILHOS DOS AÇORES

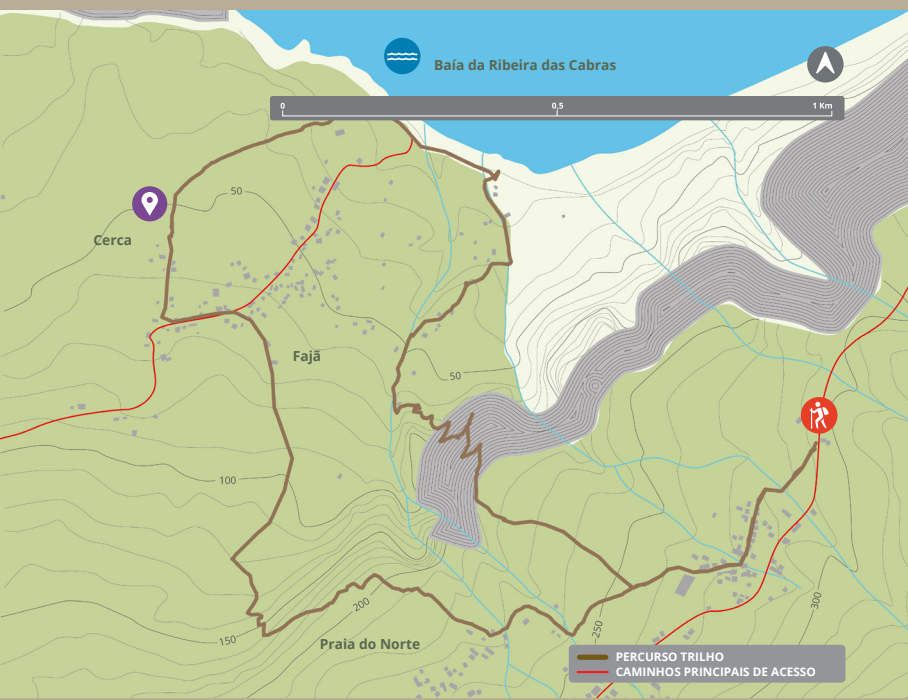


FAIAL

## PRC2 FAI

### Rocha da Fajã

**Dificuldade:** Fácil **Extensão:** 5 km **Duração:** 2:00h **Forma:** Circular



**Início do trilho**  
38° 36' 21.52" N;  
28° 45' 4.66" O

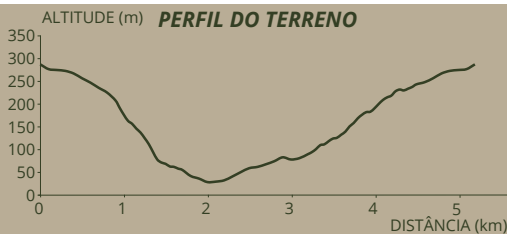


**Zona balnear**

**Parque Natural do Faial**



**Área Prot. para a Gestão de Habitats ou Espécies**



## PRC2 FAI *Rocha da Fajã*

Tendo por cenário de fundo o *Cabeço do Fogo*, este percurso começa na *Freguesia da Praia do Norte*, onde a *Rua da Arramada* entronca com a estrada regional. Depois das primeiras casas vire à direita, seguindo pela *Rua do Cemitério*. Como o nome indica rapidamente encontra o cemitério com a sua capela de 1889.



Continue a descer por entre terrenos agrícolas, aparentemente com fraca aptidão para esta atividade. Por aqui cultiva-se predominantemente milho com muitas canas à mistura, ou não estivéssemos nós na ilha do Faial, onde por falta de pedra para erguer muros podemos ver as canas e as hortênsias a compartimentar os terrenos agrícolas.

Adiante chega a um entroncamento de 2 caminhos: um que o levará à vereda que desce para a fajã, e o outro que o trará de regresso por outra vereda. Passamos por alguns tanques de água esverdeada sem se ouvir as habituais rãs... apenas se ouvem as máquinas na pedreira que

existe na fajã. Chegamos a uma pequena pastagem, de conformação quadrangular, ladeada de *Phormium tenax* e *Buxus sempervirens*, que dá entrada a uma antiga vereda de acesso à fajã, desenhada na rocha pela necessidade do Homem.

Começamos a ter os primeiros vislumbres sobre as casas e terrenos lá em baixo. Os milhafres sobrevoam esta área. Os tufos de *Carex hochstetteriana*, o *Polypodium azoricum*, a *Hedera azorica*, o *Smilax divaricata*, a *Lysimachia azorica* e a *Picconia azorica*, todas endémicas, são, junto com o *Asplenium hemionitis* (um feto de folhas estreladas) as notas mais interessantes da flora existente.

É na realidade uma descida muito agradável, com o sol a trespassar a copa de uma mata de árvores variadas: *Cryptomeria japonica*, *populus sp.*, *Pittosporum undulatum*, *Morella faya*. Por vezes numa rampa suave, noutras com degraus em pedra, a descida em ziguezague torna-se fácil e segura. A cada cotovelo da descida, por vezes com pequenos desvios para esse efeito, é possível tirar algumas fotografias panorâmicas sobre as casas da fajã e as lavas da costa.

Mais perto do fim passa por um fontanário de 1937 dedicado a *Nossa Senhora da Rocha*, e começa a ver vinha semisselvagem a trepar sobre as árvores, agarrando-se com as gavinhas aos ramos para não deixar cair os cachos.

Acabamos a descida junto à *Ribeira do Serrado Novo*. O percurso prossegue agora descendo a *Rua das Adegas*. Na fajã algumas adegas estão bem recuperadas, transformadas nas casas de veraneio, ou permanentes, de alguns faialenses. Outras adegas mantêm a sua função original, pois este é ainda um lugar de produção de vinho. Finalmente, pode apreciar a *Rocha da Fajã* por onde desceu, que mostra no cimo o peque-



### CERCA

Será, porventura, o prédio mais antigo que existe na fajã atualmente, e provavelmente o primeiro que aqui foi construído, na década de 1760. Este prédio de 150 alqueires (sensivelmente 14,5 ha), com uma grande frente para o mar, recebeu esse nome por ser murado em toda a volta com altas paredes de pedra, muitas das quais ainda subsistem. Possuía grandes portões de entrada em diversos locais da “cerca”, um dos quais junto ao porto, no início do caminho que o levará na sua viagem até ao importante conjunto habitacional e agrícola deste prédio. À noite, todos os portões, alguns com os seus típicos “martelos”, eram fechados ... isolando por umas horas a Cerca do resto da ilha. Um deles, nas costas da verga do portão, revela a data de 1761, provavelmente a mais antiga que pode ser observada.

As grandes produções eram: o vinho, principalmente verdelho, chegando a produzir num ano 30 pipas de vinho, e o milho, também de muito cultivo, com que se fazia o pão, pois eram muitas as bocas a alimentar. Disso dão nota os fornos que existiam... agora em ruínas.

## PRC2 FAI *Rocha da Fajã*

no vale por onde a *Ribeira das Cabras* se precipita.

Começa a ouvir o mar a enrolar nos seixos e chega ao parque de estacionamento, que dá acesso ao areal da praia da fajã, zona balnear não vigiada conforme informação patente, mas muito procurada, inclusive para a prática do *surf*. Possui instalações sanitárias públicas.

Seguindo um pouco mais por esta estrada marginal passa pelo modesto *Parque da Fajã*, onde poderá merendar sentado à sombra de um *Salix* ou beber da água do pequeno fontanário ali colocado. Continuando, encontra um *poço de maré* de 1768, que pertencia à “*Cerca*” (de que falaremos adiante) coberto com uma rede após o sismo de 1998, que terá deslocado algumas pedras e criado algum risco.

O percurso continua virando imediatamente à esquerda por um antigo caminho, mas caso o pretenda, pode seguir em frente mais 150 m para visitar o *Porto da Fajã*, onde um chafariz com tanque mata a sede a canários-da-terra e pardais que aqui vêm beber. Alguns passadiços em cimento sobre as lavas negras do porto ajudam no acesso principalmente dos pescadores que querem chegar aos seus pesqueiros.

De volta ao referido caminho vai seguir por entre pequenas parcelas de terreno com diversas culturas, compartimentadas por sebes de *banksia* e canas. A maioria tem pastagem ou milho, mas ainda se veem cultu-



ras como a batata-doce e vinha. Estes terrenos pertenciam à “*Cerca*”, tal como um comprido e antigo palheiro, todo em pedra com uma porta e três janelas, à direita do caminho, que ainda serve de arrumos.

Nada nesta fajã existia anteriormente a 1672. A existir uma fajã, seria certamente muito menor e provavelmente formada por materiais de queda proveniente da arriba. O que ela hoje é, resulta das escoadas lávicas da erupção histórica que nesse ano rebentou no *Cabeço do Fogo*. Para o outro lado da ilha, onde agora é o *Varadouro*, também correu a lava e igualmente esprou no mar formando plataformas aéreas de rochas nuas, ficando temporariamente o lugar do Capelo isolado do resto da ilha, com as suas 45 casas e 160 moradores. Mas o engenho humano rapidamente tirou o melhor partido de mais esta adversidade imposta pela natureza. Nos terrenos onde as lavas tinham lavrado, cultivou-se vinha e nos solos mais evoluídos fazia-se milho.

Ao entrar num pátio, com construções a toda a volta e um grande portão por onde irá sair, fica com a sensação de que está dentro de uma propriedade privada, e de facto está... aqui era o coração da *Cerca*. À sua direita um conjunto de edifícios contíguos, que serviram de adega (e ainda servem) e atafona para moer o grão, com umas grandes pedras no exterior a fazer de bancos. A maior destas era a verga do Portão de Baixo que dava saída deste pátio para o caminho que levava ao porto, por onde subiu. As outras eram do primeiro lagar que existiu, quando as uvas eram ainda pisadas pelos pés dos trabalhadores e que, entretanto, foi desmontado nas primeiras décadas do século XX, altura em que foi instalada uma prensa.

Numa das vezes que lá fui recebeu-me o casal Maria Emília e António Medeiros, proprietários de parte dos terrenos da antiga *Cerca* que tiveram a amabilidade de me fazer uma visita guiada. No interior da adega, chamaram-me a atenção para as traves e para o fuso da prensa, em madeira de pau-brasil “*vermelha e rija*”, que era trazida pelas naus e caravelas, desembarcada na doca da Horta e comprada apenas pelos “*Senhores com posses para tal*”. A atafona tem dois andares: em baixo moía-se o milho e em cima dormia o feitor desta quinta e alguns dos seus trabalhadores. Ainda por lá anda uma mó a fazer de mesa, sobre um pedestal de cimento incrustado com as conchas das lapas que o Sr. António ia apanhar num barco a remos, numa baixa perto do farol... isto antes de haver *Capelinhos*. Há aqui uma grande cisterna, isolada das casas, capaz de armazenar 109 pipas de água (mais de 45 000 litros) e outra, no seguimento da adega, a que se pode subir servindo também de mirante. Essa água era em parte usada nos 2 alambiques que havia, fazendo da aguardente outro produto com expressão nesta quinta.

Ao sair da *Cerca* depara-se com a *Ermida de N.ª Sr.ª da Penha de França*. Reza a história que na França do séc. XVIII, numa perseguição que houve à Igreja, a Rainha terá mandado encaixotar as imagens dos santos e largar ao mar, e assim se justificaria terem (supostamente... ou como rezam inúmeras tradições nos Açores) dado à costa no areal da praia da *Fajã* esta imagem da Nossa Senhora. A população terá tentado levar a imagem às costas para a igreja da *Praia do Norte*. Estranhamente, terá

## PRC2 FAI *Rocha da Fajã*



a imagem ficado tão pesada que não mais a puderam carregar os homens que a transportavam. Vendo nisso um sinal divino de que a “*Santa não queria sair da fajã*”, voltaram para trás e edificaram aqui, em 1790, esta ermida.

Suba agora a *Rua da Ermida* e vire à esquerda na *Rua do Porto*. Adiante vire de novo à direita para a *Rua de Portugal*. Passando pelas últimas casas que vai ver na fajã começa a subir no asfalto até um reservatório de água, aparentemente abandonado, vizinho de um conjunto de colmeias, instaladas no terreno em frente. A marca para virar à esquerda só tem efeito umas dezenas de metros adiante. Uma placa indica “*Praia do Norte 1,5 km*”. Entre nessa vereda, conhecida como *Ladeira dos Burros*, que o irá levar de regresso ao topo da rocha, agora por um caminho menos íngreme. Esta é uma zona de castanheiros e de caniços, alguns dos quais poderão ter saído daqui para servir na *pesca de calhau*. A vereda fica mais estreita, continua a serpentear entre os postes de média tensão e, com facilidade, atinge o topo da rocha. Siga esta vereda de servidão aos terrenos agrícolas, passando junto a algumas das casas mais antigas da *Praia do Norte*. Chegando ao caminho vire à esquerda, novamente à esquerda mais adiante, cruzando o leito de um dos afluentes da *Ribeira do Serrado* onde vê os arcos da ponte construída em 1886 na estrada regional, mais acima. Rapidamente reencontra o caminho já anteriormente percorrido. Faça-o no sentido inverso e regresso ao início, terminando assim esta caminhada.